

# IMPLANTAÇÃO DE UM SERVIÇO DE PSICOLOGIA ESCOLAR EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO ESTADUAL DE BOA VISTA/RR

---

Implementation of a school psychology  
service in a state educational institution  
of Boa Vista, Roraima State

**Anne Karina Pereira de Andrade**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Roraima

**Arieche Kitiane Silva Lima**

Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-graduação Sociedade e Fronteiras/UFRR

**Cristiane Barbosa de Carvalho**

Graduada em Psicologia pela universidade Federal de Roraima

**Sara Araújo Mendina**

Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde/UFRR

**Maria do Socorro Lacerda Gomes**

Psicóloga, Mestre em Educação e docente do Curso de Psicologia da UFRR

## RESUMO

No período Março/Dezembro de 2010, o Estágio Supervisionado em Psicologia e Processos Educativos foi desenvolvido na Escola Estadual São José, no município de Boa Vista/RR por uma equipe de alunos de psicologia e uma professora orientadora da Universidade Federal de Roraima-UFRR. Os encaminhamentos dos discentes para atendimento foram feitos pelos professores e coordenadores pedagógicos, em alguns casos pelo próprio aluno, colegas ou família. As maiores demandas correspondem: indisciplina, autoestima, sexualidade, doenças oncológicas, descompasso entre escola/família, etc. Para a condução das intervenções fez-se necessário a utilização de métodos e técnicas, dentre as quais: diagnóstico institucional, anamnese, acompanhamento escolar e técnicas de dinâmica

de grupo. Buscou-se atuar de forma preventiva e pontual, visando estimular o trabalho participativo da comunidade escolar. As metas alcançadas foram a implantação de atividades individuais e em grupo, como: ciclo de palestra; além de participações nos encontros pedagógicos e feira de ciência. Obteve-se como resultado boa integração com o corpo docente, direção, coordenação pedagógica e demais funcionários, bem como, êxito em vários casos atendidos.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Escola. Estágio. Processos Educativos.

### **ABSTRACT**

*From March to December 2010, the Supervised Internship on Psychology and Educational Processes was developed at the São José State School, in Boa Vista, Roraima State by a team of psychology students and a guiding teacher at the Federal University of Roraima-UFRR. The referrals of students to service were made by teachers and coordinators, in some cases by the own student, family or colleagues. The greatest demand corresponds to indiscipline, self-esteem, sexuality, malignancies, mismatch between school / family, etc.. For the interventions, it was necessary to use methods and techniques including institutional diagnosis, medical history, school support and group dynamics techniques. We sought to act preventively and punctually, aiming to encourage the participatory work of the school community. The achievements were the establishment of individual and group activities, such as lectures, in addition to participation in educational meetings and science fair. As a result, it was observed a good integration with the teaching staff, directors, educational coordination and other employees, as well as, in many cases, successfully treatment.*

### **KEYWORDS:**

*School. Internship. Education Proceedings.*

## **INTRODUÇÃO**

A Psicologia Escolar constitui-se como campo de atuação que abrange desde o funcionamento da instituição escolar até as intervenções implementadas

e que se instalam a partir das relações estabelecidas pelos sujeitos envolvidos direta e indiretamente, como: alunos, professores, pais, famílias dos alunos, funcionários, dirigentes, entre outros atores educacionais.

Segundo Ribeiro (2008) no Brasil a psicologia escolar vem adotando novos rumos, buscando modificar e romper a forma de atuação que ainda preconiza uma prática limitada de intervenção, cujo desempenho do profissional assemelhava-se ao clássico modelo clínico.

Neste contexto, o artigo tratará das atividades desenvolvidas no Estágio em Psicologia e Processos Educativos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima-UFRR, realizado na Escola Estadual São José, em Boa Vista/RR, no período de março a novembro de 2010, onde se promoveu a implantação do Serviço de Psicologia Escolar.

A implantação deste serviço objetivou oferecer um atendimento especializado delineado por intervenções cujo enfoque de acolhimento/aconselhamento estivessem comprometidos com o desenvolvimento dos sujeitos e as relações estabelecidas na escola buscando oportunizar a livre expressão dos sentimentos e reflexão sobre a necessidade de transformação da instituição escolar.

Para a efetiva implantação, inicialmente foi necessária à realização de um Diagnóstico Institucional, que compreende o levantamento da estrutura física e do organograma da escola e o estudo e a observação da dinâmica escolar objetivando traçar suas principais características, componente essencial para a definição das estratégias de intervenção a serem sugeridas e, se aprovadas, utilizadas.

De posse do Relatório do Diagnóstico Institucional, construiu-se um plano estratégico de atuação que definiu como principais atividades a serem implantadas: o registro da queixa escolar, a realização de entrevistas de anamnese, subsequentes e devolutivas, acompanhamento/aconselhamento escolar, dinâmica de grupo, palestras e participação em reuniões pedagógicas.

Segundo Proença (2004) cabe ao psicólogo escolar analisar o processo de ensino/aprendizagem considerando: 1) os mecanismos de aprendizagem utilizados para crianças e adultos; 2) a eficiência e eficácia das táticas e estratégias educacionais; 3) o estudo do funcionamento da própria instituição escolar enquanto organização; 4) o desenvolvimento das capacidades e necessidades das crianças com dificuldades de aprendizagem, dificuldades emocionais ou comportamentais, entre outros.

Sobre essa questão Passos (2007) diz que o psicólogo escolar deve compreender as contradições que se aninham no seio da escola e da sociedade, desfazendo na comunidade escolar os conceitos e preconceitos que ela tem quanto ao seu fazer, compete a ele deixar claro qual é a sua função e agir para que esse propósito seja cumprido e seu valor reconhecido.

Para relacionar Psicologia e Educação, faz-se necessário aprofundamento teórico, entendimento do funcionamento da escola enquanto a instituição especializada na transmissão do conhecimento para que se busque, assim, superar as práticas diagnósticas e remediativas focadas na queixa, no aluno e na família para dialogar com aquele que formula a “queixa” e ampliar a visão da problemática visando implementar uma atuação de caráter preventivo voltado para toda a instituição.

## **DESENVOLVIMENTO: DELINEANDO O CONTEXTO ESCOLAR**

Ao longo do estágio foram realizadas diversas atividades que iniciaram pela realização do diagnóstico institucional, cuja finalidade foi a coleta de dados que possibilitasse traçar o perfil da escola e identificar as demandas existentes.

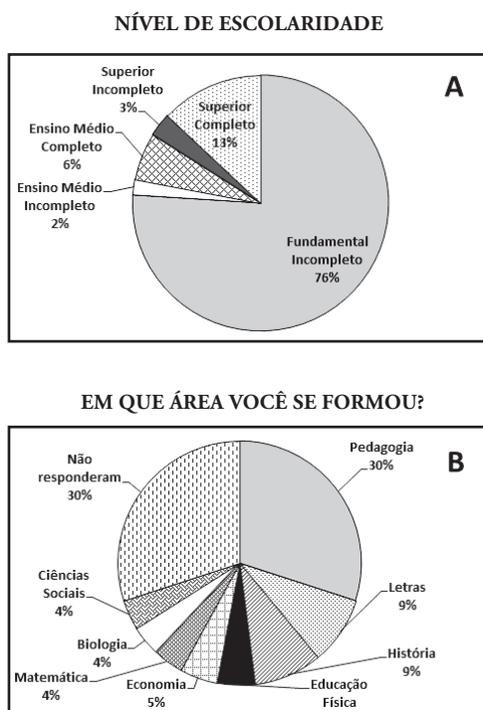
Durante a realização do mesmo percebeu-se um estranhamento e resistência por parte de alguns funcionários. Segundo Costa (2000) esse comportamento é esperado no sentido da pesquisa incitar certa obstinação nos sujeitos investigados devido às mudanças que podem ocorrer nas suas atividades já estabelecidas. “As pessoas envolvidas na escola estão acostumadas a ver o Psicólogo Escolar resolvendo problemas, prestando informação, fazendo orientação e não veem a pesquisa como área que pode trazer a solução de problemas” (Costa, 2000, p.17).

De acordo com os dados levantados sobre gênero e faixa etária da comunidade escolar, observa-se que a maior parte (52%) dos sujeitos é do sexo feminino e há um predomínio destes na faixa etária entre 10 e 15 anos (56%) e de 05 a 10 anos (20%), o que é justificável por se tratar de escola de ensino fundamental.

Dos 127 sujeitos envolvidos 52% são do sexo feminino e 48% do masculino. As faixas etárias correspondem: 56% (10 a 15 anos) os estudantes das séries do ensino fundamental II nos turnos matutino e vespertino, assim como

os estagiários remunerados do governo estadual que desempenham atividades na escola; 20% (05 a 10 anos) os alunos do ensino fundamental I; 18% (acima de 30 anos) e 6% (18 a 30 anos) composto pelos funcionários.

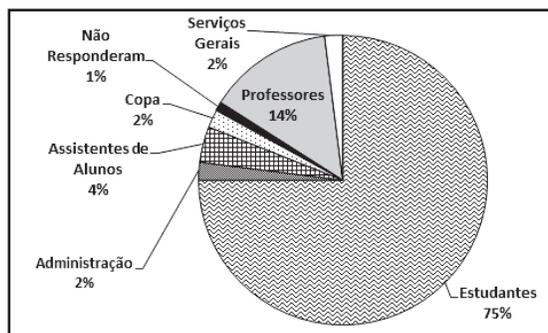
Quanto à escolaridade dos servidores, sabe-se que há uma tendência à qualificação em nível superior, uma vez que é uma exigência do Ministério da Educação em nível nacional. Os dados ilustram a tendência enfatizada acima, pois a maioria dos funcionários da escola São José, especialmente os professores, possui diversas formações superiores e continuadas, aspecto significativo enquanto contribuição para melhoria do ensino e aprendizagem (Figura 1B).



**Figura 1:** Nível de escolaridade (A) e Área de formação da população pesquisada (B).

Em se tratando de um diagnóstico institucional evidentemente o público discente seria o predominante, seguidos dos funcionários em quantitativo de acordo com sua função (Figura 2). Entre os sujeitos temos: 75% estudantes; 14% professores, desses alguns trabalham como orientador, auxiliar, sala

multifuncional, informática e leitura; 4% assistentes de alunos, nesse estão inclusos os estagiários remunerados; 2% copa; 2% serviços gerais; 2% administração e 1% não participou.



**Figura 2:** Função na escola da população pesquisada.

Quanto à região da cidade em que os sujeitos residem, percebe-se que há uma representação de todas as zonas (Centro: 11%; Zona Norte: 13%; Zona Sul: 11%, Zona Leste: 2%; Não responderam: 7% e Zona Oeste: 56%), entretanto, existe, um predomínio dos bairros da zona oeste que compreendem: Asa Branca, Alvorada, Aracelis, Bela Vista, Buritis, Caimbé, Cambará, Caraná, Cauamé e Centenário, que envolve a região de maior expansão habitacional da capital.

A comunidade escolar é proveniente dos mais diversos bairros da cidade de Boa Vista. Esta diversidade sugere a preferência dos pais em matricular seus filhos em escolas tradicionais cuja representação social está relacionada às características atribuídas a qualidade no ensino, histórico de oferecer uma disciplina rígida, ser organizada, bom ensino, além de estar localizada no centro da cidade.

Quando questionados sobre a identificação com a escola, 98% afirmou gostar desta instituição de ensino. Além da representação da escola para sua comunidade e, justificando tal representação são destaques as interações sociais, pois este ambiente agradável proporciona um espaço que favorece sentimentos de segurança e motivação, componentes importantes para uma formação significativa.

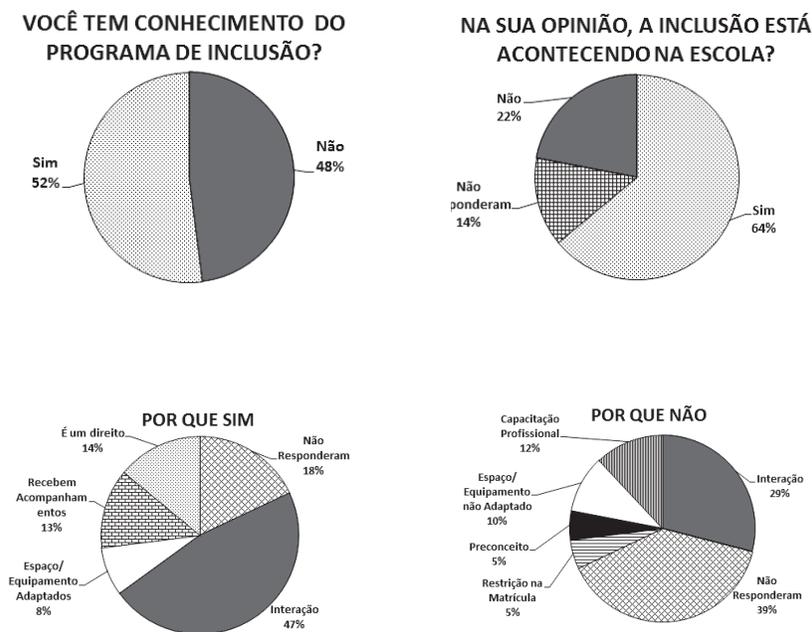
Outro aspecto relevante diz respeito à estrutura física que compreende o ambiente e o espaço educativo, composto por mobiliários e equipamentos. O homem é um ser em permanente relação com o meio e as coisas que o cercam, por isso, a importância de oferecer condições adequadas, visando o desenvolvimento psíquico, intelectual e social. Não se trata apenas de garantir às crianças e aos jovens as oportunidades de escolarização, é necessário trabalhar para se garantir oportunidades de aprendizagem. A inadequação dos projetos arquitetônicos são problemas reais enfrentados por grande parte das escolas públicas brasileiras. Portanto, questionamos durante o diagnóstico se a estrutura física da escola estava adequada e quais os motivos da resposta assinalada. Obteve-se 58% de respostas positivas quanto à estrutura da escola e 41% de respostas negativas quanto a adequação estrutural, sendo que 1% preferiu não se manifestar sobre o assunto. No que diz respeito aos motivos, pode-se observar na figura 3 os itens apontados como determinantes para a escolha de cada alternativa.



Figura 3: Aspectos relacionados à estrutura física da escola.

A escola é percebida como um lugar confortável, amplo, com equipamentos e mobiliários adequados, enfim que oferece condições de atender às necessidades de sua comunidade.

Outro dado coletado refere-se ao conhecimento da comunidade escolar acerca do processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais. Segundo especialistas, se a inclusão escolar é recente, no Brasil ela é mais ainda, pois a demora em sua implantação está associada ao preconceito e desconhecimento das potencialidades dos sujeitos com necessidades especiais.



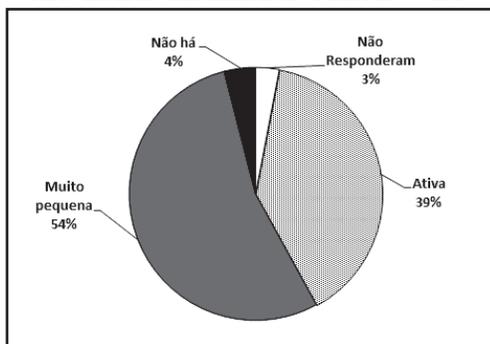
**Figura 4:** Conhecimentos sobre o Programa de Inclusão dos alunos com Necessidades Específicas-N.E.

Os resultados confirmam o que afirmam os estudiosos acerca da complexidade da inclusão escolar. No que se refere ao programa de inclusão existente na escola, foi possível identificar que a inserção de crianças com necessidades

educacionais específicas na rede regular de ensino ainda causa confusão e insegurança aos profissionais. No encontro sobre educação especial, promovido pela Secretária Estadual de Educação, muitos professores expuseram suas dúvidas sobre como ensinar e avaliar esses alunos. Teoricamente sabem que tem que proporcionar a integração, o aprendizado em conjunto, independente das especificidades que apresentem, atendendo as comuns necessidades e garantindo o ensino de qualidade, entretanto, as estratégias de intervenções mostram-se complexas e os mesmos não sabem como utilizar tais conhecimentos na prática.

Costa (2000) discute que houve historicamente no Brasil a transferência de parte das funções educativas da família para o poder público através da escola. Segundo o autor, houve nessa passagem uma desqualificação do saber das famílias pobres e uma valorização da profissionalização das funções educativas, isto é, da escola o que levou a funções distintas para a escola e a família.

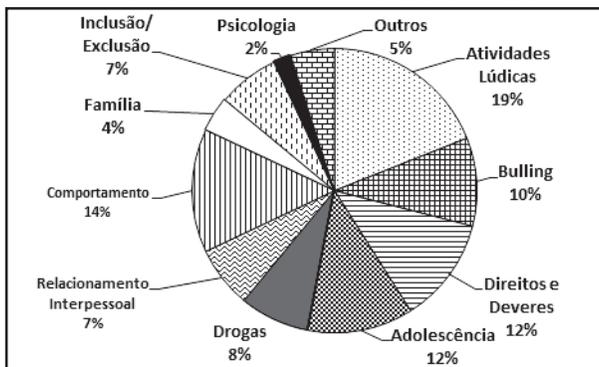
#### HÁ UMA PARTICIPAÇÃO DIRETA DA COMUNIDADE NAS ATIVIDADES REALIZADAS PELA ESCOLA?



**Figura 5:** Participação direta da comunidade nas atividades realizadas pela escola.

O vínculo escola-família-comunidade, para que possa ser efetivo é necessário que ambos estejam envolvidos. A escola não tem como realizar todos os papéis educacionais, visto que a família é à base dos valores sociais. Precisam trabalhar em parceria, buscando alternativas que reflitam tanto os aspectos positivos quanto os negativos, pois assim transformações significativas serão possíveis.

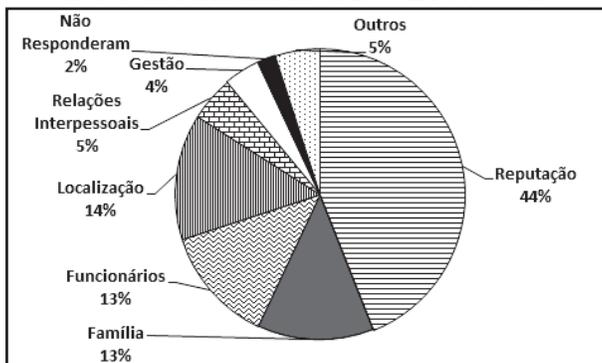
### QUAIS TEMAS DEVERIAM SER DISCUTIDOS PELOS SERVIÇOS DE PSICOLOGIA JUNTO A COMUNIDADE ESCOLAR?



**Figura 6:** Temas que deveriam ser discutidos pelo Serviço de Psicologia junto à comunidade escolar.

Essa penúltima pergunta, tinha como objetivo saber quais as necessidades escolares, sugestões que serão trabalhadas pelo serviço de psicologia escolar, através de palestras, vivências, eventos, oficinas e atendimentos individuais. O nosso papel no contexto escolar foi de mediador de processos, investigando e intervindo junto aos professores, estudantes, funcionários e familiares. As atuações possuíram um caráter preventivo, realizadas através de orientações sobre temas sugeridos, como: agressividade, sexualidade, drogas, preconceito, inclusão, entre outros.

### QUAIS MOTIVOS OS LEVARAM A ESTUDAR/TRABALHAR NA ESCOLA SÃO JOSÉ?



**Figura 7:** Motivos que os levaram a estudar/trabalhar na Escola São José.

Os aspectos mencionados acima dizem respeito ao significado social, ou seja, a escolha da escola é determinada pelos valores atribuídos a ela. As famílias das diferentes classes econômicas, incluem nas suas expectativas a manutenção ou melhoria de posições ocupadas na hierarquia social, concretizadas através de estratégias educativas.

## IMPLEMENTAÇÃO DAS AÇÕES:

### *Atendimentos Individuais e Atividades em Grupo*

Após a identificação das demandas para o início das atividades no Serviço de Psicologia Escolar, procedeu-se ao planejamento e implementação de diversas ações que contribuiriam para o desenvolvimento da instituição. É importante ressaltar que o objetivo foi atender aos envolvidos no contexto escolar: discentes, docentes, gestores, funcionários em geral, pais e responsáveis.

Os atendimentos individuais cujo objetivo principal diz respeito ao acolhimento e atendimento das principais queixas. As principais demandas foram com os alunos de 2º ano a 8ª série, com faixa etária entre 6 a 16 anos, provenientes dos mais diversos bairros da cidade. Os 33 encaminhamentos geralmente foram feitos pelas coordenadoras pedagógicas e professoras, em poucos casos a solicitação de atendimento foi realizada pelo próprio aluno, colegas ou a família.

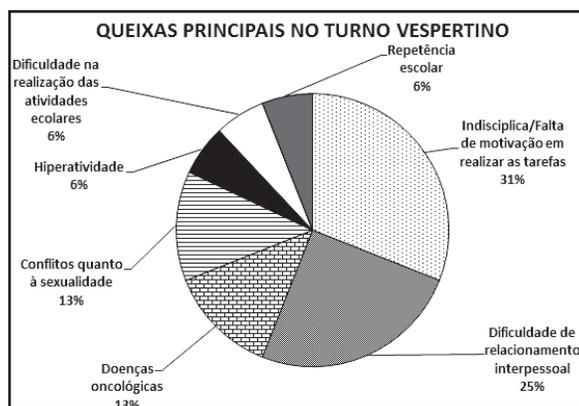


Figura 8: Queixas escolares.

No turno matutino duas estagiárias eram responsáveis pelo acompanhamento de crianças e pré-adolescentes do 2º ano a 5ª série. Os alunos representaram 52% do total de encaminhamentos, e relacionaram-se a: indisciplina e problemas de aprendizagem, *bullying*, questões relacionadas à ansiedade que incidiam principalmente sobre a autoestima dos discentes, síndrome epilética e transtorno do desenvolvimento, apatia; sendo que os meninos foram os mais encaminhados para o aconselhamento psicológico.

No período vespertino as duas estagiárias de psicologia estavam em contato com adolescentes de 13 a 16 anos de 6ª a 8ª série, que enfrentavam problemáticas relacionadas à: vivência de doenças oncológicas; sentimento de inferioridade e desinteresse escolar, muitas vezes associados a comportamentos agressivos, apáticos ou à repetência; além de conflitos quanto à sexualidade e a ocorrência de hiperatividade entre os alunos.

Na maioria dos atendimentos individuais constatou-se o não comparecimento dos pais, ponto esse desfavorável ao acompanhamento psicológico. O turno vespertino se sobressaiu no que diz respeito à ausência familiar, dentre as justificativas mencionadas pelos responsáveis tem-se o fato de creditarem aos adolescentes condições suficientes para responderem pelos seus atos.

Ainda sobre ambiente doméstico foi possível identificar que diversas situações conflituosas estavam prejudicando o desenvolvimento psicossocial dos discentes, entre elas: divórcio, prisão de um dos pais, violência doméstica, alcoolismo, indiferença nas relações, conflitos dos casais, etc.

Para Constantino (2003) as interações emocionais entre pais e filhos são de extrema importância, esclarece que crianças capazes de sentir o amor e o apoio dos pais estão mais protegidas contra as ameaças como violência, comportamento antissocial, dependência em drogas, e atividade sexual precoce.

Para esta autora, o que gera problemas na educação das crianças não é o fato de os pais estarem o dia todo fora de casa em razão do trabalho, mas a maneira como se comprometem com a educação delas, a forma como administram seu tempo e o tipo efetivo de educação que colocam em prática, ou seja, o distanciamento afetivo, disciplina severa e/ou inconsistente, agressividade e falta de atenção têm um efeito danoso no desenvolvimento de crianças e adolescentes.

De acordo com Bee (2003) a família é revestida de uma importância capital, dado que é o primeiro ambiente no qual se desenvolve a personalidade

nascente de cada novo ser humano. Assim, o contexto familiar é visto como o primeiro espaço psicossocial, protótipo das relações a serem estabelecidas com o mundo.

É a matriz da identidade pessoal e social, uma vez que nela se desenvolve o sentimento de independência e autonomia, baseado no processo de diferenciação, que permite a consciência de si mesmo como alguém diferente e separado do outro. O pertencer é constituído, por um lado, pela participação do indivíduo no ambiente familiar (acomodando-se às regras e padrões interacionais) e por outro no grupo cultural, que se mantém através do tempo (como mitos, crenças, hábitos, entre outros).

Neste sentido, o profissional de psicologia deve ter o cuidado de considerar aspectos estruturantes do discente que acontecem dentro e fora da escola. A esse respeito Patto (2002) *apud* Proença (2004, p.34) faz o seguinte comentário:

[...] é importante fazer uma relação entre os conflitos psíquicos vivenciados pelas crianças e também considerar que as relações escolares contribuem, modificam ou reforçam quaisquer que sejam esses conflitos, criando e recriando inúmeras outras situações desafiadoras, aversivas ou violentas.

O processo de atendimento objetiva o estabelecimento de vínculos fundamentados na confiança, onde posteriormente, com o aprofundamento da relação, se possa aconselhar e discutir as demandas existentes. Os alunos encaminhados para o Serviço de Psicologia, de um modo geral chegavam temerosos, retraídos e imaginando que as atividades executadas no local referiam-se a algum meio de punição, então a primeira tarefa foi desmistificar e esclarecer o verdadeiro papel do psicólogo escolar.

Marcelli (1998), ao falar dos primeiros encontros com o aluno, cita que no decorrer destes, o trabalho do psicólogo consiste antes de tudo em permitir que um clima favorável se estabeleça, graças ao qual poderá se estabelecer uma troca relacional, essa troca permite à criança descobrir-se e exprimir espontaneamente suas dificuldades.

Esses diálogos, técnica denominada aconselhamento psicológico é como afirmam Trindade e Teixeira (2000), mais que um simples conselho, é uma

relação de ajuda para uma melhor adaptação e superação de situações não agradáveis, em que o indivíduo se encontra. Continuam relatando que “A finalidade principal é promover o bem-estar psicológico e a autonomia pessoal no confronto com as dificuldades e os problemas. (p. 67)”.

Além do aconselhamento, utilizaram-se outros instrumentos tais como: agenda das atividades diárias (escolar e lazer), teste do desenho livre e uma bateria de exercícios neuropsicológicos, no qual se avaliava sua coordenação motora, esquema corporal, localização espacial, percepção visual, figura-fundo e relações e afinidades.

Nos casos de indisciplina e dificuldades de aprendizagem, que foram maioria nas queixas, procurou-se fazer com que os discentes refletissem sobre os papéis que estava assumindo na escola, ressaltando-se a importância do diálogo, do controle de impulsos e do respeito ao próximo. Trabalhou-se com listas definindo comportamentos positivos e negativos, além de se fazer atividades onde o mesmo imaginaria situações conflituosas e a melhor solução para elas.

Durante a adolescência a sexualidade destaca-se entre as queixas e os desejos dos alunos. Entre os assuntos mencionados estavam o aprofundamento do namoro com a decisão de efetuar ou não a relação sexual, mudanças corporais e a utilização dos métodos preventivos.

Outeiral (2008) diz que a adequada orientação nessa fase visa não só oferecer um suporte emocional para as transformações ocorridas, mas principalmente prepará-los para realizar o sexo de forma segura e consciente, conscientizando acerca da necessidade de evitar uma infecção por Doenças Sexualmente Transmissíveis ou uma gravidez indesejada.

Em alguns casos, foi necessário encaminhar os alunos para profissionais especializados como neurologistas, pediatras, e/ou psicólogos clínicos quando se identificava que as queixas poderiam estar associadas a situações além da competência do psicológico escolar. Nesse sentido, Passos (2007, p. 148) aponta que:

O desafio do psicólogo escolar é perseguir o mesmo objetivo do psicólogo em geral: contribuir para a emancipação do ser humano e isso pressupõe ajudá-lo a compreender os processos, assumi-los de forma competente, encontrando os melhores caminhos para solucionar os problemas e posicionar-se diante da vida.

Dessa forma procurou-se cumprir uma função muito importante, de levar a comunidade escolar a refletir e agir sobre a sua realidade, consolidando a responsabilidade social da Psicologia junto à educação.

Verificou-se, ao longo do primeiro semestre de estágio que alguns funcionários da escola, entre eles professores, apresentavam concepções desfavoráveis sobre algumas crianças/adolescente consideradas “problema”, situação inquietante, pois indica a construção e naturalização de estereótipos que podem ser introjetados pelo alvo e reproduzidos pelos que estão ao seu redor. Bernardes (2003) acredita que os estereótipos, são uma faca de dois gumes, por um lado, são ferramentas conceituais que ajudam o agente social a perceber o mundo social, mas por outro lado, os estereótipos podem ter implicações cruéis, sobretudo para quem é vítima da sua utilização, pois se cria todo um papel (negativo na maior parte das vezes), onde uma criança ou adolescentes mais fragilizados emocionalmente acabam por se encaixar, abandonando as demandas de sua subjetividade em favor de uma demanda social distorcida.

Diante disso, desenvolveu-se um trabalho de conscientização com o corpo docente que foi bastante produtivo porque os professores mostraram-se dispostos a trabalhar em parceria com o Serviço, principalmente quando os pais ou responsáveis pelos discentes não compareciam as anamneses e entrevistas solicitadas.

A participação nos Encontros Pedagógicos da Escola consistiu na realização de dinâmicas de grupo com os professores e gestores, atividades que oportunizaram a reflexão, o diálogo e expressão destes em relação a sua conduta e relacionamento na escola.

Durante os encontros, foi solicitado então que se trabalhassem algumas demandas dos funcionários. As duas temáticas abordadas referiram-se a “relaxamento e criação de vínculos interpessoais”, e “a importância do professor e o uso de novas metodologias para trabalhar as peculiaridades dos alunos em sala de aula”. Foram significativos esses momentos de discussão para o desenvolvimento de uma equipe e não apenas um grupo de trabalho, para o bom andamento e crescimento da escola.

A partir do diagnóstico, dos atendimentos individuais e do que foi observado no local sentiu-se a necessidade da realização de palestras temáticas com os alunos. Nas turmas do 2º ano, através de contato com as professoras,

descobriu-se que havia um alto número de queixas relacionadas a situações de briga, desentendimento e isolamento social.

Para esta intervenção se planejou desenvolver uma palestra associada à dinâmica de grupo para se trabalhar comportamentos favoráveis e não favoráveis nos diversos contextos relacionais. Foram abordados os temas: “Preconceito” e “Boas maneiras”; nessa atividade apresentamos filmes, no qual procuramos fazê-los refletir sobre o tema. Logo depois, aplicamos uma dinâmica, cujo objetivo foi aproximar mais a turma e promover um maior vínculo de amizade, além de um momento de descontração.

A redução dos episódios como brigas generalizadas em sala de aula na turma do 2º ano sugere que as atividades atingiram seus objetivos, pois as professoras do 2º ano relataram a diminuição dos conflitos e maior segregação escolar.

Já com os alunos das 5ª séries foram desenvolvidas palestras voltadas ao *bullying* e as relações interpessoais na sala de aula. A palestra teve como tema “A agressividade entre adolescentes: Bullying”. Nas palavras de Neto (2005, p.2):

(...) *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. Trata-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais.

Notou-se que os alunos da 5ª série participaram bastante das discussões suscitadas durante as reuniões. Como retorno dessa intervenção ocorreu procura por atendimento relacionado à queixa de *bullying*.

No período da tarde realizou-se a palestra com a temática “Sexualidade na Adolescência” para os alunos das 6ª, 7ª e 8ª série. Através da dinâmica de grupo “como falariam com os pais sobre a sexualidade”, apresentação em slides do conteúdo e um breve vídeo sobre o assunto, foi possível proporcionar um ambiente favorável para que os alunos colocassem suas dúvidas referentes ao assunto, compartilhando suas vivências através de brincadeiras e curiosidades.

Abramovay (2004) fala da importância de trabalhar os temas relacionados à sexualidade no contexto escolar, porém deve-se ter prudência na realização de palestras para que não seja cansativo e entediante aos adolescentes; o autor recomenda um planejamento que permita desenvolver atividades atrativas e compreendam suas experiências sem preconceitos.

Participou-se também da feira de ciências, que é conhecida na Escola Estadual São José como projeto S.E.M.E.N.T.E, que propõe metas de interdisciplinaridade de conteúdos, valorizando as práticas voltadas para o conhecimento científico dos temas a serem trabalhados e desenvolvidos em sala de aula, assuntos escolhidos pelos educandos e orientado pelo professor responsável pela disciplina escolhida.

A contribuição nesse evento ocorreu mediante o desenvolvimento de atividades como: mosaico ecológico (um artesanato feito de material reciclável), vídeo sobre a atuação do psicólogo e uma enquete sobre as atividades de lazer que os alunos gostariam que tivesse na hora do recreio (aspecto esse discutido nos encontros pedagógicos).

Também se atuou como avaliador da Feira de Ciências, contribuindo com conhecimentos da Psicologia e apoiando assim a pesquisa científica, criatividade e senso crítico dos alunos. Foi um momento destinado a prática de trabalhos que aproximassem a comunidade escolar e o serviço de psicologia, esclarecendo sobre as atividades desenvolvidas pelas estagiárias.

Durante todo o período do estágio, buscou-se sempre organizar reuniões com a coordenação e direção da escola para tratar de situações relacionadas a atendimentos, procurando obter informações acerca de alunos e a planejamento de ações do Serviço na escola. Visto que o apoio e cooperação da gestão são de suma importância para esse processo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para o psicólogo definir suas atribuições não é tarefa fácil, pois não há uma delimitação do espaço atuação deste profissional, em vez disso há uma confusão no entendimento da sua função por parte dos demais profissionais, muitas vezes o psicólogo é considerado o responsável pela resolução das problemáticas.

Todavia, a atuação deve buscar desmistificar essa visão mostrando à escola que o trabalho desenvolvido terá resultados em longo prazo e que não se

deve estar ali para confirmar a crença a respeito do aluno, classificando seu problema ou oferecendo respaldo científico para a retirada deste da escola, mas sim para ouvi-lo, acolhê-lo; compreendendo sua situação de vida, agindo sempre de maneira ética e no sentido de ajudá-lo da melhor maneira possível, ou seja, o papel do mesmo relaciona-se à prevenção e promoção da qualidade de vida.

Outro ponto a ser mencionado refere-se ao fato de que é necessário um trabalho conjunto entre psicólogo, professores, coordenadores pedagógicos e gestão escolar para melhorar as práticas escolares e torná-las mais significativas para o educando.

Com relação aos atendimentos, observa-se que há semelhança no perfil dos alunos atendidos, dado preocupante, já que em praticamente todos os casos, conflitos familiares aparecem associados a comportamentos violentos ou dificuldades de aprendizagem e pouco ou nenhum estímulo e motivação para aprender. Não basta apenas a escola dar apoio e mudar sua visão a respeito do discente, é necessário que haja a participação da família nesse processo, visto que o aluno é um ser biopsicossocial, e que precisa do apoio de outros, ainda mais quando está em processo de formação de seu caráter, personalidade, isto é, seu desenvolvimento em geral.

Espera-se que o Serviço de Psicologia Escolar tenha continuidade, consolidando a conquista até aqui estabelecida e que novos trabalhos desenvolvam uma atuação que vise contribuir para a promoção do ensino/aprendizagem nas mais diversas vertentes, voltados para a compreensão dos mecanismos e estratégias educacionais com objetivo de desenvolver as capacidades e necessidades dos discentes.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 9 ed. Porto Alegre, Artmed, 2003.

BERNARDES, Dora L. G. Dizer «não» aos estereótipos sociais: As ironias do controle mental. **Revista Análise Psicológica** (2003), 3 (XXI), p. 307-321. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v21n3/v21n3a05.pdf>> Consultado em: 05.05.2010.

CONSTATINO, Elizabeth Piemonte. **Um Olhar da Psicologia sobre a Educação: Diagnóstico e Intervenção na Infância a Adolescência**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

COSTA, Carmem R. **Momentos em psicologia escolar**. 2 ed. Curitiba: Juruá Editora, 2000.

PROENÇA, Marilene (orgs). In: **Psicologia Escolar: Em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MARCELLI, D. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. 5ª edição, Porto Alegre, 1998.

NETO, Aramis A. L. **Bulliyng- comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria* – vol 81, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. acessado em: 08 de julho de 2010.

OUTEIRAL, José. **Adolescer**. 3ª ed., Livraria e Editora Revinter Ltda, 2008.

PASSOS, Elizete. **Ética e Psicologia: Teoria e Prática**. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2007.

RIBEIRO, Marcelo S. S. **Contribuições da psicologia educacional e escolar para a chamada educação especial**. *Pesquisa Psicológica*, Maceió, ano 1, n. 2, janeiro de 2008. Disponível em: <<http://www.pesquisapsicologica.pro.br>>. Acesso em: 26/11/2010.

TRINDADE, Isabel; TEIXEIRA, José A. C. **Psicologia nos cuidados de saúde primários**. Lisboa: Cimepsi, 2000.

